

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

SARAH SILVA TOLFO

**“ESTRANHO, MINHA MENSAGEM É CURTA”:
MULHERES ROMANAS VISTAS ATRAVÉS DE SEUS EPITÁFIOS**

Porto Alegre, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

SARAH SILVA TOLFO

**“ESTRANHO, MINHA MENSAGEM É CURTA”: MULHERES
ROMANAS VISTAS ATRAVÉS DE SEUS EPITÁFIOS**

Trabalho de conclusão do curso de
graduação para obtenção do título de
Bacharela em História do Departamento de
História do Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Anderson
Zalewski Vargas

Porto Alegre, 2016.

CIP - Catalogação na Publicação

Silva Tolfo, Sarah
"ESTRANHO, MINHA MENSAGEM É CURTA": MULHERES ROMANAS
VISTAS ATRAVÉS DE SEUS EPITÁFIOS / Sarah Silva
Tolfo. -- 2016.
52 f.

Orientador: Anderson Zalewski Vargas .

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Roma Antiga. 2. Epitáfios. 3. Gênero. I.
Zalewski Vargas , Anderson, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e às minhas irmãs, por me apoiarem em minhas decisões, mesmo nas que não faziam sentido algum para eles. Agradeço ao meu companheiro Marcelo, por tentar evitar que eu entrasse em pânico, ainda que não tenha obtido o sucesso esperado. Agradeço aos meus amigos e amigas da graduação, por acreditarem em mim, frequentemente mais do que eu mesma acreditava. Agradeço muito ao meu orientador Anderson Zalewski Vargas, cujos comentários e observações sempre tão espirituosamente exigentes me incentivaram a fazer meu melhor.

*Near this spot
Are deposited the Remains of one
Who possessed Beauty without Vanity,
Strength without Insolence,
Courage without Ferocity,
And all the Virtues of Man without his Vices[...]*

(Lord Byron, Epitaph to a Dog,)

*Women have sat indoors all these millions of
years, so that by this time the very walls are
permeated by their creative force, which has,
indeed, so overcharged the capacity of bricks and
mortar that it must needs harness itself to pens
and brushes and business and politics.*

(Virginia Woolf, A Room of One's Own)

RESUMO

O presente texto tratará sobre como as mulheres do Império Romano, do período arcaico (até aproximadamente 1º século EC), eram vistas e idealizadas pela sociedade e, principalmente, por seus maridos. O objetivo do trabalho é identificar quais eram as qualidades apreciadas e esperadas em uma mulher romana da época, refletindo sobre as relações e os papéis de gênero na antiga sociedade romana. Para tal análise, serão utilizadas como instrumento as inscrições epigráficas contidas em seus epitáfios. Indo de encontro a uma vertente hermenêutica feminista, este trabalho procura recuperar as vozes de algumas das incontáveis mulheres perdidas nos livros de História.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Roma Antiga. Epitáfios.

ABSTRACT

The current text will deal with how women in the Roman Empire, particularly in the archaic period (until about 1^o century C.E.), were seen and idealized by society and, most important, by their husbands. The aim of this work is to identify which qualities were the most appreciated and the most hoped for in a roman woman of the time, reflecting on the relationships and gender roles in Ancient Rome society. For this purpose, epigraphic inscriptions used in their epitaphs will be used as analysis instruments. Towards a feminist hermeneutics direction, the current work seeks to recover the voices of some of the countless women lost in History books.

KEYWORDS: Gender. Ancient Rome. Epitaphs.

Sumário

Introdução	09
1 É possível uma história das mulheres na Antiguidade?	13
2 A relação dos romanos antigos com a morte	17
2.1 Epígrafes e monumentos funerários	20
2.2 Discurso epidíctico e <i>ethos</i>	22
3 As mulheres e seus epitáfios	25
3.1 Aurelia	26
3.2 Manlia	29
3.3 Horaea	30
3.4 Claudia	33
3.5 Murdia	35
3.6 Violência doméstica: Prima Florentia e Iulia Maiana	41
Considerações finais	44
Anexo I	46
Anexo II	47
Anexo II	48
Bibliografia	49

ABREVIACOES

AE	<i>L'Année épigraphique, published in Revue Archéologique and separately (Paris, 1888—)</i>
AEC	Antes da Era Comum
CIL	<i>Corpus Inscriptionum Latinarum (Berlin, 1863—)</i>
EC	Era Comum

INTRODUÇÃO

Dentro de sua cultura [as mulheres], não eram drones produtores de criança, ou meros ornamentos. Suas atividades foram tecidas vividamente em cada polegada do tecido cultural. Isto é exatamente como deve ser esperado. A elite podia e fez o máximo possível para manter suas mulheres como apetrechos e não como parceiros. (KNAAP, 2011, p. 62)

Quando falamos sobre a Antiguidade Clássica, as imagens evocadas são essencialmente masculinas: guerras, armaduras, espadas, grandes políticos e Imperadores. Em todo período histórico, as imagens ligadas aos homens são mais facilmente lembradas, mas em se tratando da Grécia e da Roma antigas, o apagamento feminino atinge seu ápice. E quando são lembradas, *como* são lembradas essas mulheres? O modo como as imaginamos hoje é semelhante ao modo como se imaginavam em sua época? Em 189 AC o dramaturgo Plauto escreveu: *Miserius nihil est quam mulier*. “Nada é mais miserável do que uma mulher.” Quantos compartilhavam dessa opinião?

Nas palavras de Kristina Milnor, não é possível escrever uma história “real” das mulheres na Roma antiga. Tanto por uma limitação das fontes deixadas, fortemente enviesadas por olhares masculinos, quanto por *nossa* visão fortemente enviesada por nossos próprios olhares e crenças, sejam masculinos ou não. O que é possível, ainda nas palavras de Milnor, é sondar as fantasias culturais romanas sobre as mulheres (MILNOR, 2006, p. 38). Tendo em vista que os valores e as ideias de nossa sociedade ocidental foram fortemente pautadas nos preceitos greco-romanos, penso que tal investigação pode ajudar a compreender os ideais tradicionais de feminilidade.

O “universo” reservado às mulheres que será explorado nesse trabalho será o das mulheres romanas comuns, as com pouca ou nenhuma ascendência nobre, conseqüentemente, com pouca ou nenhuma influência na sociedade política romana. Estas mulheres sofreram um duplo apagamento na História: o de gênero e o de classe. Elas possuíam um papel muito bem determinado pelos homens na sociedade: pertencer à esfera privada. Essa visão, embora tenha sido formulada por homens da elite, era largamente compartilhada pelos homens comuns. (KNAPP, 2011, p. 36).

Certamente não se tratavam de um grupo homogêneo, mas de certa maneira a maior parte das mulheres romanas da antiguidade estava comprometida em gerir bem seu *domus* e cuidar de sua família. Apesar de haver algumas outras opções de modo de vida, desde sua

infância a mulher era incentivada a sonhar com um bom casamento e uma casa para comandar e a frustração de tais expectativas geradas pela sociedade podia resultar em constrangimento e ostracismo. A oposição entre as boas e as más mulheres pode ser encontrada na história de Tito Lívio sobre Lucrecia, no final do primeiro volume de *Ab Urbe Condita* (1.5815). Na história, o marido de Lucrecia ganha uma aposta contra os Tarquínios ao encontrá-la em casa, cercada por criadas e fiando lã, ao passo que as esposas dos perdedores são descobertas jantando em uma festa.

Havia, claro, oportunidades de socialização fora de casa: elas podiam visitar parentes e amigos, planejar eventos familiares. As que não possuíam escravos iam às compras, recolhiam água e podiam conversar com outras mulheres no caminho (KNAAP, 2011, p. 48). Analisando de uma maneira mais ampla, a vida pública da mulher romana era mais ativa do que a da mulher grega. Philo de Alexandria, em sua obra *As Leis especiais*, descreve mulheres tomando parte em brigas de rua, com o objetivo de defender seus maridos:

Se alguma mulher, ao ouvir que seu marido está sendo agredido, está sendo levado para longe de seu afeto; levada pelo amor ao marido, deve se render aos sentimentos que a dominarem e correr para para ajudá-lo. Ainda assim, não deve ser tão audaciosa e comportar-se como um homem, ultrapassando a natureza de uma mulher.[...] Mas agora, algumas mulheres estão avançado a tal ponto de falta de vergonha que, apesar de serem as mulheres, dão vazão à linguagem imoderada e abuso entre uma multidão de homens, até mesmo os atacam e os insultam, com as mãos feitas para obras de tear e fiação e não para golpes e agressões (PHILO 172-5 apud KNAAP, 2011, p. 37).

No caso das mulheres pertencentes às elites, um dos exemplos de ação feminina é o discurso feito por Hortensia, filha do orador Hortensio. O discurso tinha como objetivo conseguir a redução do imposto cobrado das 1.440 mulheres mais ricas de Roma, em 43 AEC. O historiador Apiano registrou o discurso em sua obra *Guerras Civis*

Nos privaram de nossos pais, de nossos filhos, de nossos maridos e nossos irmãos com o pretexto de que vós traíram [...] Se nós lhes fizemos qualquer mal- como dizem que nossos maridos fizeram- nos castiguem como a eles. Mas se nós, todas as mulheres, não votamos em nenhum de seus inimigos públicos, nem derrubamos suas casas, nem destruímos seus exércitos, nem nada fizemos contra vocês. Se não os impedimos de obter os cargos ou as honras, por que compartilhamos do castigo sem cometer os crimes? Por que pagamos tributos se não compartilhamos a responsabilidade pelos encargos, pelas honras? [...] (APIANO, 4.32-34 apud KENNEDY, 2003, p. 152)

De maneira curiosa, apesar de toda a diversidade social e cultural romana e apesar de dessa agência feminina comprovada por escritos da época, a descrição feminina que

habitualmente é feita nos epitáfios das mulheres é seu oposto: homogênea e estereotipada. Os adjetivos usados são exaustivamente repetidos, e as relações familiares repletas de lugares comuns. Sendo os elogios fúnebres parte da tradição retórica do discurso epidíctico, é comum que o mote seja exagerar as boas qualidades da pessoa falecida.

Devemos nos perguntar, porém, qual o objetivo interno dessa construção de um *ethos* feminino que não buscava representar realmente a vida de uma mulher e, ainda assim, se pretendia representante de todas as mulheres como grupo, muitas vezes independentemente de sua classe social (MILNOR, 2006, p. 38). A análise de quais eram essas qualidades consideradas boas e até que ponto é possível determinar o que elas realmente significavam sobre as mulheres romanas e seu papel social é o que será tratado nesse trabalho.

No primeiro capítulo, irei discutir a possibilidade da escrita de uma História das Mulheres no período da Antiguidade Clássica, quais suas limitações e o que têm sido produzido sobre o assunto. No segundo capítulo, falarei sobre como os romanos se relacionavam com a morte, quais suas crenças e rituais comuns e a maneira como o discurso retórico guiava a formação de suas autoimagens póstumas. Finalmente, no terceiro capítulo irei examinar alguns epitáfios de mulheres romanas de diversas origens.

1 É POSSÍVEL UMA HISTÓRIA DAS MULHERES NA ANTIGUIDADE?

As mulheres romanas, e da Antiguidade como um todo, não deixaram muitos registros de suas histórias e de seus pensamentos. Em um cenário no qual a alfabetização era reservada apenas às classes mais altas e as mulheres deveriam ficar confinadas ao âmbito privado de suas residências, sendo excluídas das esferas de atividades políticas e econômicas, as inscrições epigráficas são algumas das poucas formas de acessar os rastros por elas deixados. No caso das mulheres romanas, há ainda menos evidências sobreviventes de seus escritos do que no caso das mulheres gregas (HALLET, 2013, p. 61). Indo ao encontro de uma vertente hermenêutica feminista, este trabalho procura recuperar as vozes de algumas das inúmeras mulheres perdidas nos livros de História.

A história das mulheres na Antiguidade deve ser contada agora, não apenas porque legitima um aspecto da história social, mas porque o passado ilumina problemas contemporâneos das relações entre homens e mulheres (RICHLIN, 2014, p. 287)

As visões tradicionais romanas atribuíam às mulheres uma natureza caracterizada pela *levitas anime* (algo como uma “fraqueza de julgamento”). Sua influência, então, ficava restrita aos assuntos reprodutivos e domésticos, podendo, em ocasiões específicas, participar de atividades culturais e religiosas. Embora pareça ser um consenso que as mulheres dos países latinos se ocupavam mais de questões religiosas do que os homens, isso depende muito do tipo da doutrina e do ritual: a religião romana tradicional era centrada no *domus*¹ e nos cultos estatais, e em ambos o homem representava o papel principal, como *paterfamilias*² e como cidadão. A participação feminina está presente, é claro, na forma das virgens *Vestais*³, sacerdotisas da deusa *Vesta* protetora da chama sagrada. Algumas deusas também recebem cultos exclusivamente de mulheres, como no caso das deusas *Bona Dea*⁴ e *Pudicitia*⁵. Até o final da República romana as mulheres não foram proeminentes na religião (FINLEY, 2002, p. 154-155).

¹ *Domus*: casa; usado mais frequentemente do que *familia* para se referir à unidade familiar básica. Incluía todos os parentes ligados através de mulheres, enquanto *familia* normalmente se refere apenas aos parentes ligados à família através da descendência masculina (*agnados*) (PARKIN & POMEROY, 2007, p. 72).

² *Paterfamilias*: líder masculino da família; tradicionalmente é dito que ele possuía o poder de vida e morte (*necis ius vitae ac*) sob todos aqueles em sua jurisdição (PARKIN & POMEROY, 2007, p. 73).

³ As *vestais* eram exclusivamente recrutadas de famílias patrícias (LIPKA, 2009, p. 170).

⁴ O culto à deusa *Bona Dea* era cerimônia pública celebrada anualmente pelas mulheres nobres casadas. Ocorria na residência privada do cônsul, e as mulheres agiam sob a orientação das *vestais* (LIPKA, 2009, p. 108).

⁵ Falarei mais detalhadamente sobre a *Pudicitia* no item 3.5 deste trabalho.

A imagem da mulher na Roma Antiga é muito pautada pela visão masculina, uma vez que os homens são os responsáveis pela produção da grande maioria das fontes que temos. Como aponta Rabinowitz, “mesmo quando vemos mulheres representadas em esculturas ou vasos, ainda as vimos pelos olhos masculinos” (RABINOWITZ, 2013, p. 10). São as perspectivas desses homens que chegam até nós, suas ideias sobre os papéis e os deveres das mulheres (CALDELLI, 2014, p. 582). Quando se fala sobre a história das mulheres na Antiguidade é importante ter em mente que as fontes existentes são fortemente enviesadas. As literárias, por exemplo, tratam majoritariamente das mulheres pertencentes à elite e refletem os preconceitos inerentes aos seus autores masculinos (CALDELLI, 2014, p. 582).

Penso que aqui há algo de revolucionário sobre conhecer o passado; quando recuperamos do esquecimento essas mulheres que já se foram há tanto tempo, nós estamos realmente deslocando a balança (RICHLIN, 2013, p. 294)

Desde meados da década de 1980, diversas disciplinas têm sido reexaminadas através de um viés feminista. A História, por exemplo, teve diversos novos trabalhos pautados no conceito de gênero proposto por Joan Scott. Segundo Scott em *Gênero: uma categoria útil para os estudos históricos*, os compromissos feministas para análises conduzirão a mudanças. Judith Butler, em 1990 traz o argumento poderoso que nem gênero nem sexo são categorias naturais da identidade humana. A sua percepção de que não há conhecimento histórico de gênero neutro acrescenta outra inflexão para o cruzamento entre clássicos e feminismo. Classicistas feministas, como Amy Richlin, compartilharam de suas ideias. Ao sair do binarismo de sexo masculino / feminino, tratando da presença no texto e na cultura material do híbrido e de seres exóticos, é fornecida uma oportunidade de explorar o seu papel em culturas clássicas (HITCHCOCK, 2008, p. 100).

No caso da Antiguidade Clássica, essa nova visão pode ser encarada por muitos como paradoxal: “se feminismo é uma política de mudança, a palavra “clássica” conota imutabilidade” (RABINOWITZ, 2013, p. 04). Segundo Skinner, os estudos clássicos são um dos campos acadêmicos “mais conservadores, hierárquicos e patriarcais” (SKINNER, 1986, p. 181).

Os estudos clássicos geralmente são voltados sempre para os mesmos autores, como Homero, Tucídides, Virgílio, Ovídio. O modo de pesquisa é pautado quase que totalmente em estudo textual, cujo significado seria imparcial, pois é supostamente baseado em uma filologia neutra (RABINOWITZ, 2013, p.04). Em outras palavras, se tornou um discurso que reproduz seus próprios termos continuamente (SKINNER, 1986, p. 182)

Dessa forma, diversas vezes se passa despercebida a ausência de grupos não inclusos nos cânones literários acadêmicos. Novas pesquisas envolvendo recortes de gênero, classe social e de raça foram produzidas apenas recentemente, o que torna o tema uma lacuna na historiografia clássica, o que por vezes reforça a visão estereotipada de uma “época de ouro” altamente masculinizada, composta unicamente por grandes guerreiros em armaduras:

Apenas examinando o longo desenvolvimento de atitudes com relação à linguagem e representação que tem limitado o autoconhecimento e a expressão feminina é que podemos balançar os efeitos de séculos de controle patriarcal (GOLD, 2013, p. 78).

A pouca exploração dada às fontes epigráficas, em detrimento de obras clássicas já cristalizadas no cânone acadêmico é outro fator que seria abrandado por esta pesquisa. Faz-se necessária uma maior produção de trabalhos que abordem a história das mulheres e que proporcionem reflexões sobre sua construção, seus estereótipos e os vestígios de suas existências, principalmente tendo em vista o grande legado cultural e filosófico da Antiguidade na formação de todo o pensamento ocidental.

Trabalhos realizados no final da década de 1980 e início dos anos 90 tentaram dar conta da história das mulheres na Antiguidade, principalmente com relação à sexualidade. Entre estes se encontram os trabalhos como “Sexuality in Greek and Roman Society”, de Martha Nussbaum e David Konstan, de 1990 e “Before Sexuality”, de John Winkler, David Halperin e Froma Zeitlin (também de 1990). Tais estudos, numa visão fortemente influenciada por Foucault, centravam-se apenas na sexualidade (sem levar em consideração o gênero) e relações assimétricas de poder, deixando de lado a mulher e como sua figura era vista e construída. Trabalhos mais recentes, como os de Amy Richlin, Nancy Sorkin Rabinowitz e Marilyn Skinner (usados como “guias” neste trabalho) procuram tratar de questões como diferenciação de gênero e de classe. Paul Veyne e Maria Wyke, entre outros, possuem trabalhos sobre representação de gênero das mulheres romanas em poesias e elegias eróticas, não se dedicando, porém, às documentações epigráficas. Estas, especificamente, só aparecem em um verbete da *The Oxford Handbook of Roman Epigraphy*.

A questão antropológica de que o observador não pode escapar de seus próprios valores traz questões epistemológicas para a análise de fontes da Antiguidade. Não há como recriarmos as experiências vivenciadas pelas mulheres romanas, e elas não podem “falar por si mesmas”, como sugere Spivak em sua obra *Pode o Subalterno falar?*, de 1988. Nesta obra, ela aponta a dificuldade de encontrar a voz daqueles que se encontram fora das estruturas de poder e de linguagem nos sistemas coloniais. Para o mundo Antigo, o problema é que temos

muitas vozes “nativas”. Mas uma vez que nossa conversa é unilateral, esse dilema raramente nos incomoda (RICHLIN, 2013, p. 278). A contraposição entre textos antigos escritos por homens sobre as mulheres e outras antigas evidências sobre mulheres, podem ajudar a iluminar as aspirações sociais, políticas, artísticas e eróticas dessas mulheres (GOLD, 2013, p. 77).

2 A RELAÇÃO DOS ROMANOS ANTIGOS COM A MORTE

Vivemos em uma sociedade na qual - cada vez mais- a morte é um assunto evitado. Dicas para prolongar a vida e viver com maior qualidade inundam matérias de revistas e de sites, dando-nos quase a impressão de que é possível evitar pensar na morte até que ela bata em nossa porta. A perda de pessoas jovens é vista como uma grande tragédia, por vezes como fatos isolados devidos a um capricho do destino. Para os habitantes da antiga Roma, porém, era muito diferente. Em um cenário no qual eram comuns a falta de saneamento, doenças, epidemias, fome, desnutrição e guerras, a taxa de mortalidade era alta. Consequentemente, a morte, fosse a de idosos, a de jovens ou a de crianças, era uma realidade bastante presente no cotidiano e no pensamento da sociedade. Com relação às mulheres, e principalmente as de classes mais baixas, o número de mortes era ainda maior devido a complicações no parto.

Durante o segundo e o terceiro século AC, um túmulo familiar usado regularmente continha 68 mulheres enterradas por seus maridos e 41 maridos enterrados por suas esposas (FINLEY, 2002, p. 153). De uma maneira geral, os epitáfios não costumavam apontar a causa da morte. Quando é mencionada, é por ser incomum⁶ ou por ser importante para a formação do *pathos* que o epitáfio deseja criar (HOPE, p. 22, 2007). Embora as maiores causas de mortalidade feminina tenham sido as complicações decorrentes da gravidez e do parto, poucos epitáfios fizeram menções claras. O epitáfio de Veturia Grata (CIL VI. 28753.), por exemplo, é uma exceção: nele, seu marido que a enterrou explicita que ela faleceu aos 21 anos de idade, por complicações em sua gravidez de oito meses. Este seria seu quarto filho.

O desejo de ter seu nome e sua memória preservados não parte somente das elites: muitos epitáfios simples dão conta da importância que esse hábito cultural tinha em todas as camadas sociais. Uma visão da religiosidade romana como um todo, porém, é difícil de obter através dos epitáfios. Não havia nenhum consenso sobre vida após a morte nem sobre religiosidade. Alguns poucos epitáfios mostravam inclusive a crença na morte como o grande fim. Ao contrário do cristianismo, que oferecia respostas pontuais, a religião pagã romana tinha a morte como o grande desconhecido (HOPE, 2007, p.211). Os que acreditavam em uma vida após a morte podiam ser muito supersticiosos com relação aos epitáfios: sua leitura

⁶ A causa da morte de Pontia (CIL XI 4634), por exemplo, tem sido amplamente discutida. Acidente de biga, complicação no parto e suicídio são algumas das hipóteses trabalhadas THE PETRIFIED MUSE . **What happened to Pontia?, or: how a husband buried his beloved wife (and still only managed to talk about himself)**. Disponível em: <<https://thepetrifiedmuse.wordpress.com/2015/05/12/what-happened-to-pontia-or-how-a-husband-buried-his-beloved-wife-and-still-only-managed-to-talk-about-himself/>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

e a pronúncia do nome da pessoa falecida poderiam evocar seu espírito, e este poderia mostrar-se maligno (HOPE, 2007, p.237). Deidades podiam aparecer como cruéis e raiva podia ser dirigida à deusa Fortuna⁷. Tais sentenças, é claro, talvez tenham sido usadas apenas como uma forma de expressão comum, não sendo indicadoras de que realmente se acreditasse em forças ou seres que controlassem a vida real (HOPE, p. 48, 2007).

A indiferença pela morte também era expressa, sendo considerada como um acontecimento altamente natural da vida. Muitos epitáfios trazem menção da clara consciência da finitude da existência humana fazendo referência à brevidade da vida e também aconselhando o leitor a viver da maneira mais plena possível⁸. As visões mais tradicionais romanas diziam que na vida de um indivíduo estava já predestinada a forma como este morreria. De maneira semelhante à crença grega das Moiras, as três Parcas giravam no tear o fio da vida de cada um, cortando-o quando era chegada à hora da morte. Outros acreditavam que a hora de sua morte podia ser lida nas estrelas. Na literatura, diversas vezes a relação foi tratada com ironia, como em casos em que as Moiras estavam prestes a agir e a vítima de nada suspeitava (*mors repentina*), ou em casos nos quais a pessoa podia barganhar com os deuses uma expectativa de vida maior (HOPE, p. 47, 2007).

No epitáfio de Iulia Secunda e sua mãe Cornelia Tychè⁹ (CIL VI, 20674) é narrado como as duas, de 11 e 39 anos respectivamente, se afogaram juntas em alguma parte do mar na costa norte da Espanha. O pai e marido que escreveu a mensagem representa a morte das duas como sendo predestinada e obra das deusas *Parcae*. Ele teria sido poupado por ainda não ser o seu momento de partir. Há cenas em memoriais fúnebres que mostram a pessoa falecida repousando em um sofá na companhia de membros sobreviventes da família. Alguns retratam luto em torno do cadáver, e muitas vezes incluem um animal de companhia ou um par de chinelos embaixo do sofá, para destacar o contexto doméstico do evento (HUSKINSON, 2011, p. 116).

Os rituais funerários romanos variavam de acordo com a classe social da pessoa. As classes mais baixas comumente não recebiam nenhum, sendo os corpos jogados em poços

⁷ Deusa romana responsável pelo destino dos humanos, semelhante à deusa grega Tychè.

⁸ Por exemplo, o CIL_2.1821 de Herennia Crocine: *Saudação! Herennia Crocine, querida por ela mesma, está trancada nessa tumba. Minha vida acabou; antes de mim, outras garotas também viveram suas vidas e morreram. Já basta. Que o leitor diga enquanto se afasta "Crocine, que a terra descanse levemente em você." Adeus a todos acima do chão.* Tradução feita por mim a partir da tradução para inglês de E.H. Warmington: *Hail! Herennia Crocine, dear to her own, is shut up in this tomb. My life is over; other girls too have lived their lives and died before me. Enough now. May the reader say as he departs, "Crocine, lightly rest the earth on you." Farewell to all you above ground.*

⁹ Apesar da aparente ironia contida no nome, nomes derivados de Tychè e de *Fortuna* eram comuns em libertos. Era uma forma de homenagem ao destino que lhes possibilitou a liberdade.

(*puticuli*) e os corpos de escravos imediatamente removidos da cidade. Um cidadão livre ou um magistrado poderia ter seu corpo exposto no *atrium* de sua casa e homens muito importantes podiam ser enterrados dentro das paredes da cidade, embora esta última prática fosse pouco usual (ERKER, 2011, p. 42). Os ritos correspondiam mais a obrigações sociais e menos a tabus antigos relacionados a uma boa vida pós-morte. A intenção era preservar a memória e comemorar os feitos das pessoas mortas.

Nas famílias de alta classe, os rituais eram complexos. Ao saber da morte de uma pessoa de sua família, os parentes de sangue até a sexta geração deveriam assumir o papel de *familia funesta*, uma família sob as obrigações de um funeral. Os homens e as mulheres deixavam de exercer suas tarefas cotidianas, não podendo participar de rituais ou de atividades públicas e políticas¹⁰ e ramos de cipreste eram colocados em frente da casa do morto ou da morta. Durante a lamentação, os homens e mulheres enlutados vestiam roupas escuras, ficavam em jejum e não tomavam banho nem penteavam os cabelos (ERKER, 2011, p. 44).

Quanto aos ritos funerários, estudos sugerem uma diferenciação de gênero. Determinadas tarefas no processo ritualístico da passagem da pessoa falecida eram consideradas atividades femininas ou atividades masculinas. As lamentações e o pranto, duas maneiras de manter viva a memória do morto ou da morta, eram comumente praticados pelas mulheres. O elogio fúnebre, os sacrifícios e as purificações, eram tarefas geralmente delegadas aos homens. Existiam de maneira claras inúmeras transgressões dessa tradição. Como pode ser assegurado por textos literários romanos, os homens também lamentavam e pranteavam seus parentes perdidos, principalmente os de mais alta classe. Para Erker, a associação da feminilidade com os ritos de prantos e lamentos revelam uma construção normativa de gênero, ligada a uma moralidade da alta classe (ERKER, 2011, p. 40). Os poetas baseavam seus textos em suas experiências lidando com pessoas em funerais, sendo suas descrições referentes a ritos fúnebres comuns na vida romana.

O ato de prantear a pessoa falecida variava de acordo com o gênero e a classe social, variando também com o período e a localidade de Roma. O luto feminino era expresso no funeral de três maneiras: pela lamentação, pelo canto e pelo choro com tristeza. Em casos de assassinato, as mulheres podiam até mesmo usar as lamentações para instigar vingança. Já gemido (*gemitus*) era associado aos homens. Descrições literárias dão conta de homens e mulheres expressando os mesmos gestos de tristeza, como puxar o cabelo, arranhar as

¹⁰ Comumente os homens retomavam suas tarefas antes das mulheres, pois estas faziam o preparativo dos cadáveres com óleos, tornando-se “impuras” por um período maior de tempo. (ERKER, 2011, p. 44)

bochechas até gerar sangue, bater a cabeça no peito, se jogar na terra e colocar cinzas de lareira sob a cabeça. (ERKER, 2011, p. 45). Porém, ao contrário do que pode parecer, durante cortejo fúnebre as lamentações consideradas excessivas eram proibidas, pois divergiam do ideal propagado de uma sociedade com cidadãos autocontrolados e tranquilos, principalmente no período da *res publica*. No período imperial, as matronas eram mais encorajadas a tomarem a frente nas lamentações, uma vez que durante o Império seu papel social familiar obteve maior destaque (ERKER, 2001, p. 57)

Os elogios fúnebres eram feitos apenas por homens para magistrados no *forum*. Muito raramente falavam de suas falecidas esposas ou parentes do sexo feminino, como fez Julio César com sua tia (segundo Plutarco). O elogio envolvia a menção dos memoráveis feitos e dos grandes antepassados do morto. O contraste entre o lamento apresentados pelas mulheres e os discursos apresentados pelos homens era grande: o primeiro comemorava a memória de um querido parente e o segundo exaltava uma figura de importância política e social (ERKER, 2011, p. 51).

2.1 EPÍGRAFES E MONUMENTOS FUNERÁRIOS

O hábito epigráfico de se produzir inscrições funerárias nem sempre esteve presente no mundo antigo. Em Roma as inscrições funerárias raramente aparecem antes de 1º AC, e sofrem um declínio por volta de 3 AC. Meyer defende que a ascensão e a queda do hábito epigráfico, bem como sua extensão por partes do Norte da África e de Lyon são frutos de uma “romanização”. A valorização de um status romano incorporado por diversas províncias pode ter impulsionado a produção de epitáfios (MEYER, 1990, p. 74). Para a autora, as evidências epigráficas mostram três tipos de monumentos com epitáfios: um contendo a pessoa falecida e o comemorador, motivado por uma obrigação deste com aquele, estabelecida por meio de testamento. Muito comum no período imperial. O segundo seriam os motivados por um desejo de legal de reconhecimento de cidadania romana por parte das províncias. O terceiro, como acontecido no Norte da África, seria fruto da aquisição de status por parte de alguns indivíduos ou cidades de estilo romano. Enquanto este estilo foi apreciado, os epitáfios foram uma forma de anunciá-lo. Quando a cidadania se tornou um privilégio universal, esses epitáfios se tornaram menos comuns e sua distribuição declinou, com uma notável exceção de Lyon (MEYER, 1990, p. 95).

Certamente um enorme número de sepulturas com inscrições foram perdidas ao longo dos milhares de anos decorridos, mas as muitas que sobreviveram podem fornecer dados

estatísticos representativos de status legais, carreiras e relações familiares. Estas informações tornam-se ainda mais úteis quando se referem às mulheres, crianças e escravos, tão pouco representados em outras fontes. Mais do que isso, os epitáfios refletem o modo como os romanos se relacionavam com a morte, o que esperavam dela e como desejavam representá-la. É recente o estudo de como certos grupos subalternos na sociedade romana eram comemorados e usavam a esfera funerária não somente para refletir, mas também para criar uma identidade enquanto grupo (HOPE, p. 03, 2007).

Apenas uma minoria das sepulturas romanas era marcada por estruturas de pedras ou esculturas. Os memoriais geralmente continham apenas estampas de motivos de florais com epitáfios breves, contendo apenas o nome da pessoa falecida, da pessoa que a estava comemorando e a relação entre os dois. As informações complementares tais como idade, profissão, parentescos, etc., não obedeciam a nenhum padrão específico: podiam relatar a história da pessoa morta e até mesmo fazer apelos aos vivos. Não raramente era feito uso de formas poéticas nos epitáfios. Livros com textos padrões de inscrições funerárias estavam disponíveis para ajudar os menos inspirados¹¹, e também para delimitar uma forma. Apesar da aparente diversidade de temas de epitáfios, “o escopo do comprador para individualizar a mensagem e a maneira de transmiti - lá podem ter sido tolhidos por convenções” (HOPE, 2007, p. 143). Os epitáfios proporcionavam uma maneira de controlar como as futuras gerações os veriam. Como uma forma de controlar e construir um *ethos* adequado, o epitáfio era um símbolo de poder. Podendo ser escritos ou encomendados tanto por homens quanto por mulheres, era muito comum que esposos comemorassem um ao outro. Porém, as expectativas do sexo masculino em relação ao feminino foram muito mais explicitadas em textos funerários do que o contrário. As mulheres eram representadas de maneiras idealizadas, como exemplos de moralidade que engrandeciam seus maridos. Muitos simulavam a voz da esposa falecida reconfortando o marido enlutado. Segundo Hope, “havia, com certeza, estereótipos e ideais de esposas que iam contra os de amantes e de concubinas” (HOPE, 2007, p. 191).

Com relação às tumbas, as coletivas de famílias eram escolhas muito comuns. Porém, elas não procuravam somente atender a uma demanda sentimental de depositar juntos os

¹¹ Uma discussão é feita a respeito da inscrição no epitáfio de um garoto (AE 1931.112) no qual acadêmicos afirmam ter havido um erro do escriba, resultando na inserção de *pueri nominandi* (insira o nome do garoto aqui) na mensagem. THE PETRIFIED MUSE . **Here lies (insert name here), or: why reading beyond a quotation is a really good idea.** Disponível em: <<https://thepetrifiedmuse.wordpress.com/2015/03/28/here-lies-insert-name-here-or-why-reading-beyond-a-quotation-is-a-really-good-idea/>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

restos mortais dos entes queridos, mas também visava a manter os vivos interessados na manutenção e na preservação do jazigo, tendo em vista que um dia lá também repousariam. Com este mesmo propósito, escravos libertos e seus descendentes também podiam vir a dividir as tumbas com seus patrões, carregando o nome da família a quem serviram. Tal honraria, é claro, podia ser suspensa caso o liberto ofendesse seu patrono ou rompesse ligações com ele (HOPE, 2007, p. 152).

A preparação para a morte frequentemente incluía a realização de um testamento, no qual não apenas a partilha de bens era feita, mas também se podia descrever o tipo de monumento funerário desejado, a inscrição e até mesmo encarregar alguém de fazê-lo. O descumprimento de um último desejo explicitado em testamento era extremamente mal visto na sociedade romana e os herdeiros responsáveis pelo funeral se apressavam em mostrar que haviam respeitado com rigor a última vontade do falecido ou da falecida. Alguns epitáfios traziam a inscrição *ex testamento*, indicando que a mensagem contida e o *design* da escultura haviam sido escolhidos pela pessoa falecida e comunicado através do testamento. A expressão *vivus fecit*, por sua vez, assinalava que a pessoa enquanto viva havia feito ela mesma o monumento ou o deixado encomendado. Outros continham até mesmo a informação de quanto dinheiro havia sido gasto no monumento, fosse para mostrar a generosidade do herdeiro que o construiu, ou para confirmar o orçamento estabelecido no testamento (HOPE, p. 64-65, 2007). As despesas com os funerais variavam entre 500.000 sestércios¹² e 96 sestércios (JONES, 1982, p 128), não ficando claro, porém, se tratava do montante total do monumento e do funeral ou se apenas de um dos dois. Um subsídio de 250 sestércios para funerais, o *funeraticium*, foi criado no fim do primeiro século EC, pelo Imperador Nerva. Embora tal medida não tenha durado muito, em tempos de crise sempre era oferecida ajuda de custo para realização de funerais (HOPE, 2007, p.88).

2.2 DISCURSO EPIDÍCTICO, E *ETHOS*

A Retórica foi uma disciplina de grande importância para a formação romana. Todo o discurso feito era influenciado pelas postulações dessa disciplina, incluindo os fúnebres.

De acordo com Aristóteles em *Retórica*, há três tipos de auditórios quando se faz um discurso. A necessidade de se adaptar a esses auditórios, de maneira que seu discurso seja melhor recebido, gera três gêneros oratórios: o judiciário, o deliberativo e o epidíctico. O

¹² 01 sestércio valia 04 *asses*, que era a moeda de cobre de menor valor, chegando a ter mesmo apenas um valor nominal (PARKIN & POMEROY, 2007, p. 360).

auditório do gênero judiciário é o tribunal e o tempo é passado; o do deliberativo, a Assembleia e o tempo é o futuro; o do epidíctico, espectadores que assistem a discursos de exaltação ou censura, como os fúnebres. Seu tempo é o presente, embora possa utilizar-se de acontecimentos do passado e conjecturar sobre o futuro. Aristóteles define ainda os três tipos de argumentos para persuadir:¹³ o *ethos*, o *pathos* e o *logos*, sendo os dois primeiros de ordem afetiva e o último, racional.

Reboul define o *ethos* como “caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório” (REBOUL, 1998, p. 48). Destaca que este é um termo ético, de cunho moral, que o orador deve parecer ter, mesmo que não o tenha, já que a prova pelo *ethos* não está ligada a um saber extra-discursivo do locutor. O *pathos*, por sua vez, é definido pelo autor como “conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso” (REBOUL, 1998, p. 48).

Segundo Perelman-Tyteca, o discurso epidíctico apela com mais facilidade para uma ordem natural de valores que são julgados incontestáveis (2005, p.57)

A intervenção da pessoa, como contexto servindo para a interpretação do ato, realiza-se em geral por intermédio da noção de intenção, a qual tem por função expressar e justificar, a um só tempo, a reação do agente sob o ato (PERELMAN-TYTECA, 2005, p. 343)

Neste trabalho, como é analisada a *imagem* que nos é transmitida, seja da mulher retratada no epitáfio, seja a de quem o escreveu, o conceito de *ethos* é uma ferramenta útil.

O *ethos* de um discurso resulta da intenção de diversos fatores: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos mostrado*), mas também fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos dito*)-diretamente (“é um amigo que lhes fala”) ou indiretamente [...] (MAINGUENEAU, 2008, p.18).

Em uma abordagem sociológica, o *ethos* considerado é oriundo de “uma troca simbólica regrada por mecanismos sociais e por posições institucionais exteriores” (AMOSSY, 2005, p. 122). É definido por Amossy como

o conjunto das características que se relacionam à pessoa do orador e a situação na qual esses traços se manifestam que permitem construir sua imagem. Se esta é sempre em última instância singular, é preciso ver, entretanto, que a reconstrução se efetua com a ajuda de modelos culturais que facilitam a integração dos dados em um esquema preexistente. (AMOSSY, 2005, p. 127)

¹³ Segundo Reboul, gerar *pisteis* (prova).

A reestruturação do *ethos* por parte de uma hermenêutica feminista pós-colonial reforça a ilustração das diferenças das relações de poder e das premissas de singularidade inerentes ao modelo clássico e podem nos ajudar a escrever levando em consideração a distância entre o rethor e a audiência. Jarratt e Reynolds afirmam que a ideia de *ethos* deve vir acompanhada da noção de que somos “posicionados” e “posicionamos” ouvintes e leitores, por isso não devemos perder de vista nosso lugar de fala (JARRATT-REYNOLDS, 1994, p. 52). As autoras ressaltam também que obviamente não é possível ter uma noção de como era a subjetividade no mundo antigo, mas que é seguro afirmar que ela foi moldada por seu momento histórico (JARRATT-REYNOLDS, 1994, p. 39).

As visões mais dinâmicas de *ethos* surgiram partindo de dois pontos: primeiro que o rethor não pode ter controle total sob a mensagem que será absorvida por seu público ouvinte. Segundo, que existe uma grande divergência na interpretação de *ethos* ainda a partir de sua etimologia. George Kennedy em sua tradução de Retórica, de 1991, faz uma discussão nas notas de rodapé, pontuando a dificuldade de tradução do termo, colocando que em Aristóteles ele significa apenas algo como “caráter moral”, e o que seria referido como “*ethos retórico*” teria sido atribuído à Aristóteles por retóricos posteriores. (SCHMERTZ, 1991, p. 84).

Em outras palavras, o que Aristóteles frustra, em sua concepção da ética, é o tipo de separação clara entre sujeito e objeto, mundo interior do mundo exterior, que define e delimita um modo de Iluminismo sobre o assunto, dando-lhe agência sobre o que ele decidiu é a mundo externo (SCHMERTZ, 1991, p. 85)

3 AS MULHERES E SEUS EPITÁFIOS

As inscrições funerárias não estão isentas dos vieses de seus autores. Porém, ao contrário do que acontece com as obras literárias, nelas é possível obter informações sobre mulheres das mais diversas camadas sociais. Como são habitualmente feitas como um discurso de homenagem, nelas essas mulheres são representadas de maneiras muito positivas e idealizadas. Embora não tenhamos acesso à maneira como as próprias mulheres se viam, podemos estudar e analisar como os homens viam as mulheres e como esperavam que elas fossem (CALDELLI, 2014, p. 583).

Os primeiros epitáfios romanos registrados que mencionam mulheres incluem apenas seu nome. Caso seja uma mulher nascida livre (*ingenuae*), também era mencionado o nome do pai e, quando a mulher era casada, o nome do marido. No caso de uma escrava liberta (*libertae*) ou de uma escrava (*ancilla*), consta o nome de seu ex ou atual patrão. O mesmo é válido para o homem liberto ou escravo. Os epitáfios romanos eram feitos em diversos formatos, podendo conter grandes poemas, elogios, e até mesmo recomendações. Nos femininos, são geralmente destacadas as virtudes enquanto mãe e esposa, ao passo que os masculinos exaltam feitos na carreira e na política. O estudo de Treggiari mostra que a profissão ou ocupação masculina aparece em epitáfios seis vezes mais do que as femininas. Isso significa que um epitáfio feminino em cem menciona sua ocupação (KNAAP, 2011, p. 54). Essa forma de descrição não é fruto de um *ethos* masculino exclusivo de um período específico da história romana: desde a República até a Antiguidade Tardia é possível perceber tal representação epigráfica como um padrão (CALDELLI, 2014, p. 585).

As mulheres são mais frequentemente tipificadas como belas, amáveis, férteis e castas. Ações como manter bem a casa e não discutir com cônjuge também são amplamente mencionados. Os valores centrais de mulheres em epitáfios são, assim, a lealdade, castidade e trabalho duro. (KNAPP, 2011, p.37) Apesar do trabalho feminino em casa ser exaltado nas inscrições dos epitáfios, muito raramente monumentos em tumbas as representaram exercendo tais tarefas. Não se sabe ao certo o motivo desta hesitação em ilustrar deveres tão valorizados na cultura romana em geral (KNAAP, 2011, p.37).

3.1 AURELIA

Lucius Aurelius Rermia e sua esposa Aurelia. Laje de pedra, atualmente no Museu Britânico. Encontrada em Roma, pela Via Nomentana, datada em 80 e.c. ou mais tarde. Ambos eram escravos libertos, de origem grega. Como pode ser lido, Aurelia morreu antes de Lucius, mas sua inscrição é representada como sendo narrada pela esposa.

CIL_1².1221⁴

[a] Lucius Aurelius Hérnia, liberto de Lucius, um açougueiro da Colina Viminal.

Ela, que veio à morte antes de mim, minha primeira e única esposa, casta no corpo, a mulher amada por meu coração possuído, viveu fiel ao seu homem fiel; em apreço igual às suas outras virtudes, nunca durante os tempos amargos ela se esquivou de seus deveres amorosos.

[b] Aurelia Philematium, mulher libertada de Lucius.

Na vida fui nomeada Aurelia Philematium, uma mulher casta e modesta, não sabendo nada da multidão, fiel a seu homem. Meu homem era um companheiro liberto; ele também era, na verdade, para além de um pai para mim; e, infelizmente, eu o perdi. Sete anos tinha eu, quando ele me levou no seu seio; quarenta anos de idade - e estou sob o poder de uma morte violenta. Ele fez através florescer por todas as estações os meus constantes deveres amorosos. . .¹⁴

L(UCIUS) AU]RELIUS L(UCI) L(IBERTUS) / [H]ERMIA /
[LA]NIUS DE COLLE / VIMINALE [H]AEC QUAE ME FAATO /

¹⁴ Tradução feita por mim à partir da tradução para o inglês de E.H. Warmington: [a] *Lucius Aurelius Hernia, freedman of Lucius, a butcher of the Viminal Hill. She who went before me in death, my one and only wife, chaste in body, a loving woman of my heart possessed, lived faithful to her faithful man; in fondness equal to her other virtues, never during bitter times did she shrink from loving duties.*

[b] *Aurelia Philematium, freedwoman of Lucius.*

In life I was named Aurelia Philematium, a woman chaste and modest, knowing not the crowd, faithful to her man. My man was a fellow-freedman; he was also in very truth over and above a father to me; and alas, I have lost him. Seven years old was I when he, even he, took me in his bosom; forty years old - and I am in the power of violent death. He through my constant loving duties flourished at all seasons . . .

PRAECESSIT CORPORE / CASTO / [C]ONIUNX{S} UNA MEO /
PRAEDITA AMANS / ANIMO / [F]IDO FIDA VIRO V{E}IX{S}IT
/ STUDIO PARILI UM / NULLA IN AVARITIE / CESSIT AB
OFFICIO /

[A]URELIA L(UCI) L(IBERTA) / [// AURELIA L(UCI)
L(IBERTA) / PHILEMATIO(N) / VIVA PHILEMATIUM SUM /
AURELIA NOMINITATA / CASTA PUDENS VOLGEI / NESCIA
FEIDA VIRO / VIR CONLEIBERTUS FUIT / EIDEM QUO
CAREO / EHEU / REE FUIT EEVERO PLUS / SUPERAQUE
PARENS / SEPTEM ME NAATAM / ANNORUM GREMIO / IPSE
RECEPIT XXXX / ANNOS NATA NECIS POTIOR / ILLE MEO
OFFICIO / ASIDUO FLOREBAT AD OMNIS /

Segundo Knapp,

Aurelia Philematio exemplifica uma mulher ideal quando ela é elogiada por sua modéstia, excelência, retidão moral e lealdade; ela expressa esses ideais por si mesma, mas como seu marido sobreviveu a ela e configurou a lápide podemos assumir os sentimentos são os dele, embora ela pudesse muito bem ter-lhes compartilhado (KNAPP, 2011, p. 37)

Lucius era um escravo que trabalhava como açougueiro, o que é indicador de uma classe social baixa. O adjetivo *casta* é muito comum nos epitáfios femininos. A menção feita à multidão pode refletir um valor proclamado por Tucídides de que a mulher ideal é aquela de quem o povo nada fala nem de positivo, nem de negativo: até mesmo as virtudes das mulheres devem ser mantidas em sigilo (Tuc. 2.45.2). A boa esposa não é conhecida e comentada por outros, ficando restrita apenas ao seu *domus*. Por outro lado, outras fontes romanas proclamam que ao menos uma das qualidades femininas deve ser mostrada ao público: a *pudicitia* (qualidade que será mais bem trabalhada ao vermos o epitáfio de Múrdia). As tais “mulheres não respitáveis” referidas podem ser aquelas que não eram premiadas por sua notável *pudicitia*: fontes antigas também dizem-nos que era comum mulheres competirem entre si publicamente por maior grau de *pudicitia*, e que honras oficiais eram concedidas às vencedoras. (LANGLANDS, 2006, p. 38).

O homem, por sua vez, aparece exercendo seu poder protetor de *paterfamilias*, cuidando da esposa de maneira paternal. Um *paterfamilias* não precisava ser necessariamente

um pai: a denominação legal era dada ao líder de um *domus* e compreendia não apenas cônjuge e filhos, mas também escravos e servos. De maneira teórica, seu domínio sob essas pessoas e sob sua propriedade era total, terminando apenas quando de sua morte ou pelo consentimento em emancipar um dos indivíduos. Com poucas exceções, uma mulher estava sempre sob o poder de um *paterfamilias*: seu pai, seu marido ou um guardião. Casamentos tradicionais envolviam cerimônias nas quais o *paterfamilias* “entregava” a noiva ao marido tanto de uma maneira sentimental quanto legal (FINLEY, 2002, p. 149). Em contrapartida, a *fides* (fidelidade) aparece como sendo uma qualidade pertencente a ambos os gêneros.

Com relação aos denominados “deveres amorosos”, embora o amor romântico possa fazer parte de um casamento, ele não era encarado como parte essencial da relação e em certas obras literárias, foi visto até mesmo com desconfiança (KNAAP, 2011, p. 43). A visão matrimonial, pelo menos por parte da elite, era a de uma organização dos adultos para seus filhos, visando à procriação e a manutenção dos bens familiares. Os homens podiam exercer sua virilidade não somente com suas esposas, mas também com amantes, prostitutas e jovens escravas ou escravos. Uma forma de algumas mulheres romanas expressarem suas emoções e sentimentos desviantes era assistir aos espetáculos de gladiadores. De acordo com Finley, “os gladiadores se tornaram as *pin ups* das mulheres romanas, especialmente as de classe mais alta” (FINLEY, 2002, p. 156). Essas atitudes não se encaixam nos ideais transmitidos pelas inscrições funerárias nem outros lugares fora das construções literárias da elite. Porém, para Knaap, “é seguro afirmar com um bom grau de confiança que a finalidade do sexo no casamento foi menos de prazer do que de procriação” (KNAAP, 2011, p. 45).

Uma afirmação semelhante ao “cumprimento dos deveres amorosos” e também extremamente comum em epitáfios de esposas romanas era “sem nenhuma discussão”, como no exemplo do epitáfio de Caecilia:

CIL 9.3215 = ILS 8433

Pompullius Antíoco, seu marido, montou esta lápide para Caecilia Festiva, sua querida, doce esposa, trabalhadora e boa merecedora. Viveu comigo durante 21 anos sem me dizer uma palavra contrária.

D(IS) M(ANIBUS) S(ACRUM) / CAECILIAE FESTI/VAE
CONIUGI CARIS/SIMAE MONNAE / QUAE MECUM VIXIT
ANNIS / XXI SINE Q(U){A}ERELLA / POMPULLIUS

ANTIOCHUS / MARITUS BENE MERENTI / LABORIBUSQUE EIUS

Esse ideal de uma vida sem conflitos reflete na verdade uma valorização da submissão da esposa ao seu marido (KNAAP, 2011, p.44).

Hallett expõe que é possível que Aurelia tenha até mesmo casado com Lucius aos sete anos de idade. Em seu argumento, isso pode ter contribuído para a criação de laços afetivos entre os dois, uma vez que famílias escravas se separavam muito precocemente. Daí a associação de Aurelia do esposo como também pai (HALLET, 1999, p. 272). D’Ambra argumenta que não é possível saber quando as atenções paternas teriam se tornado amorosas nem se a união teria se dado antes ou depois da alforria (D’AMBRA, 2007, p. 83). A versão de Treggiari é a de que os dois se conheceram quando ambos eram escravos e ela tinha apenas sete anos, e que o epitáfio sugere que eles “se gostaram” desde o primeiro encontro (TREGGIARI, 1993, p.124). Wigelsworth nota que apenas Sigismund-Nielsen nota o quanto de abuso infantil pode haver na história de Aurelia

No pior cenário possível, em termos modernos, retratam essa mulher como uma criança sexualmente abusada forçada a casar com seu estuprador - um açougueiro - com quem, em seguida, teve que viver isolada do mundo até que ela misericordiosamente morreu. Estranhamente, esta possibilidade não tem sido abordada nas inúmeras referências a este monumento (SIGISMUND, 2010, p. 17-18)

3.2 MANLIA

Inscrição do túmulo de Manlia Sabina, província de Samnium, sem data:

*CIL*_1².1836

Meu pai eu amei como sendo meu pai, meu marido me foi querido em segundo lugar, depois de meu pai. Assim foi o relato de minha vida, comprovadamente correto - impecável. Eu me despeço, estranho, a morte já está a caminho para você também.¹⁵

¹⁵ Tradução feita por mim à partir da tradução para o inglês de E.H. Warmington: *My parent I loved as being my parent, my husband I cherished in the second place after my parent. Thus was my life's account proved right - a spotless one. I bid you farewell, stranger. Live your life, death is already on its way for you also.*

MANLIA L(UCI) F(ILIA) SABI[NA] / PARENTEM AMAVI QUA
MIHI FUIT [OPTIMUS] / PARENS VIRUM PARENTI
PROX<I=U>M[UM AMPLIUS] / ITA CASTA V{E}ITAE
CONSTITIT RAT[IO MEAE] / VALEBIS HOSPES V{E}IVE TIBI
IAM M[ORS VENIT]

O marido, nesse caso, aparece em “segundo lugar”, em detrimento do pai de Manlia. A exaltação da figura paterna pode ser uma pista da linhagem de Manlia, já que a mulher romana poderia “herdar” as qualidades do pai, quando este pertencia à elite, tendo um *ethos* de nobreza. A linhagem sanguínea podia transcender as diferenças de gênero (HALLET, 2013, p. 62). A mulher pertencente à elite romana desfrutava de um status duplo de “O mesmo” e “O outro” simultaneamente, amenizando sua fraca natureza feminina ou, em alguns casos, até mesmo possuindo qualidades masculinas, como coragem (SKINNER, 1997, p. 11). A mulher corajosa é considerada uma *virago*.¹⁶

3.3 HORAEA

Horaea, cujo túmulo foi encontrado em Traiectum no Liris, de aproximadamente 45 e.c. Atualmente, a pedra encontra-se perdida:

CIL_1². 1570

Publia Horaea, mulher libertada de Publius e sua esposa

Eu fui uma mulher respeitada pelos bons e odiada pelas mulheres não respeitáveis. Para meu velho mestre e amante eu fui uma serva obediente, mas para ele como marido, fui uma esposa cumpridora dos deveres. Deram-me a liberdade e ele me vestiu com um manto. Por vinte anos, desde minha infância, eu mantive a casa inteira. Meu último dia deu sua sentença e a morte levou meu último suspiro, mas não levou o esplendor de minha vida.¹⁷

¹⁶ *Vir* é a palavra latina para “homem”. É de onde deriva “*viril*” e também “*virtude*”. Por definição, a mulher não possui virtude, por não ser *vir*.

¹⁷ Tradução feita por mim a partir da tradução para o inglês de E.H. Warmington: *I was a woman respected by the good and hated by no respectable woman. To my old master and mistress I was an obedient servant, but to him yonder my husband I was a dutiful wife; for they gave me freedom, and he arrayed me in a robe. For twenty years since my girlhood I maintained the whole house. My last day delivered its judgment and death took away my breath, but took not the splendour of my life.*

/ HORAEA / BONEIS PROBATA INVEISA SUM A NULLA
PROBA / FUI PARENS DOMINEIS SENIBUS HUIC AUTEM
O<B=P>SEQUENS / ITA LEIBERTATE ILLEI ME HIC ME
DECORAAT STOLA / A PUPULA ANNOS VEIGINTI OPTINUI
DOMUM / OMNEM SUPREMUS FECIT IUDICIUM DIES / MORS
ANIMAM ERIPUIT NON V{E}ITAE ORNATUM APSTULIS /

O caso de Horaea é interessante: uma ex-escrava que se casou com o seu ex-senhor, já idoso. É possível notar uma diferenciação entre os termos que conotam “obediência”, separando os deveres de serva dos de esposa, embora ambos fossem baseados no cuidado da casa, que ela ressalta ter mantido por toda sua vida. Uma performance satisfatória da mulher nos deveres maritais e reprodutivos podia simbolizar uma moral adequada no setor público, assim como a negligência de deveres era sintomático de um colapso na ordem cívica. (SKINNER, 1997, p. 11). Imagens de mulheres imperiais eram incluídas nos monumentos públicos quando uma dinastia estava em crise, para transmitir uma mensagem ideológica sobre o papel central da vida familiar e da reprodução para o bem-estar da comunidade (KAMPEN, 1982, p. 243). Em seu estudo *Fortunata e as virtudes da mulher liberta*, Marilyn Skinner coloca a Fortunata em *Satíricon* de Petrônio como representante das ex-escravas mulheres. O casamento legal e a reprodução de filhos legítimos eram permitidos logo após a alforria.

Os monumentos funerários dessa classe de mulheres geralmente demonstravam uma grande solidariedade entre a família e ressaltando características da mulher como “harmoniosidade” (*concordia*), confiabilidade (*fides*), e modéstia (*pudicitia*). Tais virtudes são as mesmas prezadas pela nobreza (SKINNER, 2012, p. 200), apesar de estarem muito presentes nos epitáfios de famílias que estão ascendendo na sociedade e querendo se consolidar economicamente, tentando por isso associar seu nome a uma ideia trabalho duro doméstico. A mulher aparece como peça fundamental para o sucesso financeiro da família. É citado na sátira que o monumento funerário de Fortunata será composto por sua figura à direita da do marido, segurando uma pomba (símbolo de devoção ao casamento) e guiando um filhote de cachorro (símbolo de fidelidade). Após uma discussão com seu marido Trimalchio, este decide retirar a estátua de Fortunata do monumento funerário do casal. Tal

atitude, negando os protocolos romanos de funerais causa damnatio memoriae à Fortunata, negando-a seu reconhecimento póstumo como *materfamilias* (SKINNER, 2012, p. 210).

Fortunata é ofendida sendo chamada de “ex- flautista”. O termo para essa profissão, *ambubaia*, deriva do termo sírio para “flauta” e também usado para designar prostituição nas camadas mais baixas. (SKINNER, 2012, p. 204). Profissões ligadas ao público, como artista, por exemplo, sofriam enorme preconceito da sociedade e eram reservadas às camadas mais baixas, assim como a prostituição. Em diversos casos, trabalhar se expondo a um público era fortemente associado à prostituição.

Existem divergências sobre se o fato de uma mulher ter exercido uma profissão vergonhosa como a de prostituta macularia para sempre sua imagem ou se ao se tornar alforriada e *materfamilias* poderia ocupar um lugar de prestígio junto às famílias romanas que ascendiam economicamente. Por um lado, se aponta que essa mulher seria uma *infamis* e teria seus direitos legais seriamente prejudicados

Devemos aceitar como *materfamilias* a mulher que não tem vivido vergonhosamente, uma vez que o seu comportamento marca fora e separa os *materfamilias* de outras mulheres. Consequentemente, não importa se ela é casada ou não casado, nascido livre ou uma liberta: para casamento ou nascimento não faz um *materfamilias* - os bons costumes fazem (ULPIANO, 50.16.46.1 apud SKINNER 2012, p. 205)

A Lei Juliana dava suporte para que um homem processasse sua esposa por adultério caso descobrisse que anteriormente ela havia se prostituído. Se fosse solteira, porém, a mulher estaria imune a processos por *stuprum*¹⁸. Skinner vê essa sentença como um indício de que o casamento muda o status legal da mulher, de modo que ela passa a estar sujeita à punição por crimes sexuais após sua mudança de condição jurídica (SKINNER, p. 206)

Em contrapartida, algumas visões afirmam que a observação da boa conduta é o critério para saber se uma mulher é ou não uma matrona respeitável ao contrário das consideradas “mulheres de má reputação”. Por isso, se uma escrava vive virtuosamente agora em casamento respeitando às leis, ela pode aspirar ao posto de *materfamilias*, não importando o que ela foi forçada a fazer antes da alforria (SKINNER, 2012, p. 206)

Fontes epigráficas mostram que mulheres associadas à estas profissões como mímicas, dançarinas que ainda se achavam escravizadas, são comemoradas por seus maridos como esposas. Inclusive, duas escravas do ramo do entretenimento tiveram seus túmulos marcados com o epíteto comum de boa esposa: *bene merenti* (SKINNER, 2012, p. 206) O fato de essas mulheres terem túmulos com inscrições pode indicar que estas famílias de artistas não

¹⁸ Num sentido amplo, crime de ofensa sexual (SKINNER, 2012 p. 08)

eram pobres. Mas, deve-se também levar em conta o fato de que diversas os custos dos funerais eram pagos por clubes e associações, ou até mesmo por mestres generosos.

3.4 CLAUDIA

Claudia, fragmento de tablete ou de pilar, encontrado em Roma, atualmente está perdido. Data aproximada de 135-120 e.c.

CIL_1².1211

Estranho, a minha mensagem é curta. Espere e a leia. Aqui é o odiável túmulo de uma mulher amável. Os pais dela a chamaram pelo nome Claudia. Ela amava o marido com todo o seu coração. Ela pariu dois filhos; destes, ela deixa um na terra; sob a terra ela colocou o outro. Ela era charmosa em uma conversa, com um comportamento adequado. Ela cuidou da casa, ela fez lã. Essa é a minha última palavra. Siga o seu caminho.¹⁹

HOSPES QUOD DEICO PAULLUM EST ASTA AC PELLEGE /
H{E}IC EST SEPULCRUM HAU(D) PULC(H)RUM PULCRAI
FEMINAE / NOMEN PARENTES NOMINARUNT CLAUDIAM /
SU<U=O>M MAREITUM CORDE DEILEXIT S{O}UO / GNATOS
DUOS CREAUIT HORUNC ALTERUM / IN TERRA LINQUIT
ALIUM SUB TERRA LOCAT / SERMONE LEPIDO TUM AUTEM
INCESSU COMMODO / DOMUM SERVAVIT LANAM FECIT
DIXI AB{E}I

Segundo Finley, é perceptível que não foi Claudia quem escolheu os versos de seu epitáfio e sim seu marido. A apelação á devoção doméstica e o lugar-comum de frases que exaltam a boa convivência do casal apenas formulam o ideal de mulher imposto pelos homens da classe média-alta. Nem mesmo a individualização evocada pela menção da escolha do

¹⁹ Tradução feita por mim à partir da tradução para o inglês de E.H. Warmington: *Stranger, my message is short. Stand by and read it through. Here is the unlovely tomb of a lovely woman. Her parents called her Claudia by name. She loved her husband with her whole heart. She bore two sons; of these she leaves one on earth; under the earth has she placed the other. She was charming in converse, yet proper in bearing. She kept house, she made wool. That's my last word. Go your way.*

nome por parte dos pais é convincente: até um período tardio, em Roma os nomes das mulheres nada mais eram do que os nomes de suas famílias com um final feminino. Irmãs tinham o mesmo nome e eram diferenciadas por “mais nova” e “mais velha”, ou “primeira” e “segunda”. (FINLEY, 2002 p. 148)

Ainda de acordo com Finley, "Ela amava o marido... Ela deu à luz dois filhos... Ela manteve a casa e trabalhou em lã" era o maior elogio fúnebre que uma mulher poderia receber, não somente na Roma Antiga, mas em grande parte da história humana:

O que se passava por trás da fachada aceita, o que Cláudia pensou ou disse para si mesma, nós nunca saberemos. Mas quando o silêncio é quebrado, os sons que emergem – pelo menos na família real- não são bonitos. A maioria das Cláudias sem dúvida não somente aceitou plenamente como também defendeu os valores fixados por seus homens; elas não conheciam outro mundo (FINLEY, 2002, p.156).

Na inscrição para Cláudia é possível obter informação sobre a ocupação de Cláudia, como fazedora de lã. Tal afazer era comum entre as mulheres romanas dos segmentos médios de classe. A vida econômica das mulheres romanas teve um crescimento durante o fim da República, com um enfraquecimento do *pater postestas*. Mudanças nas concessões dos dotes fizeram com que mais mulheres fossem donas de terras e propriedades. Por outro lado, muitas continuavam a desempenhar pequenas tarefas domésticas como forma de renda. Quanto à produção e ao comércio de têxteis, as mulheres apareciam envolvidas em várias categorias: como uma *quasillaria* (empregada na sala de fiação), *sarcinatrix* (cerzidora de roupas), ou *textrix* (tecelã, provavelmente o caso de Cláudia). Finley defende que devido ao fato de as camadas mais baixas necessitarem da renda provinda do trabalho das mulheres, estas teriam uma independência maior do que as mulheres aristocratas. Ressalta, também, que o trabalho com lã feito por Cláudia provavelmente não era exercido fundamentalmente como forma de renda para a família

Nem eles poderiam tão facilmente dispensar o serviço de trabalho de uma esposa, seja na fazenda ou em uma tenda do mercado, uma pousada ou em uma oficina. Uma coisa era "trabalhar em lã", como fez a Cláudia cujo epitáfio que citei anteriormente; algo muito diferente de trabalhar em lã a sério. (FINLEY, 2002, p. 153).

Segundo Knaap, a fiação de lã provia material para fazer roupas e a mulher poderia produzir uma quantidade excedente para comercializar. Dessa forma, era possível conciliar um apoio na renda e uma atividade tipicamente associada às “boas mulheres” romanas.(KNAAP, 2011, p. 53).

Várias outras funções domésticas femininas também estão representadas: *ancilla* (geralmente uma escrava envolvida em tarefas domésticas), *lecticaria* (arrumadora de cama), *ostiaria* (porteira), *pedisequa* (assistente pessoal), *tonstrix* (cabeleireira) (CALDELLI, 2014, p. 590). Algumas tarefas mencionadas requerem um certo nível de treinamento : *Nutrix* (nutriz, mas também professora das crianças até a idade de seis ou sete), *paedagoga* (professora de crianças até a idade de treze anos) e *opstetrix* (parteira, mas também ginecologista). Estas são as profissões de maior prestígio que uma mulher que poderia alcançar, sendo profissões também desempenhadas por homens.

Ainda assim, havia uma diferenciação na forma como os profissionais eram vistos, de acordo com seu gênero. Kampen, em seu estudo de análise iconográfica, concluiu que a representação do homem enquanto médico era muito diferente da mulher enquanto médica. Esta era sempre representada de uma maneira mistificada, em associação com algum mito ou deusa, ao passo que aquele aparecia de uma forma que refletia seu trabalho de uma maneira mais literal e realista. Ainda segundo Kampen, a profissão cuja representação masculina e feminina era mais próxima entre si era de vendedor e vendedora. Sendo uma profissão de classe mais baixa, não havia preocupação clara em diferenciar o gênero, o que evidencia mais uma vez a intrínseca relação entre gênero e classe social (KAMPEN, 1982, p. 75).

3.5 MURDIA

O epitáfio de Murdia data de por volta do 1^a século EC. Foi situada na era Augusta principalmente por sua ortografia e também por seu conteúdo revelador de uma emergência da figura da *matrona* (DIXON, 2013, p.50). Encontrado em Roma, foi escrito em mármore por seu filho fruto do primeiro casamento. A parte do discurso que ficaria na pedra esquerda está faltando e provavelmente continha o resto do título e grande parte da inscrição. Na pedra direita, na parte inferior, parece também faltar uma pequena parte (HUGH, 2004, p.91).

CIL VI.10230

Ela fez todos os seus filhos herdeiros iguais, depois que deu uma herança à sua filha. O amor de uma mãe é composto pela sua afeição por seus filhos e pela distribuição igualitária entre cada criança. Ela quis de seu marido uma quantia fixa, de forma que o seu dote seria

aumentado pela honra de sua escolha deliberada. Recordando a memória de meu pai e levando em conta a confiança que ela lhe devia, ela legou certa propriedade a mim. Ela não o fez com intenção de ferir meus irmãos me preferindo à eles, mas por lembrar a generosidade de meu pai, ela decidiu que deveria a mim a parte da herança que ela havia recebido por decisão de seu marido, de maneira que estivesse tomando cuidado para que seus pedidos restaurassem minha propriedade.

Desta forma, foi determinado que ela deveria manter os casamentos com homens dignos arranjados pelos seus pais, com obediência e propriedade, e como uma noiva se tornar mais agradável devido a seus méritos, ser considerada mais amada por sua fidelidade, para se deixar mais ilustre por seu bom julgamento, e, depois da morte, para ser unanimemente elogiada por seus companheiros cidadãos, uma vez que a repartição de sua propriedade mostrou sua atitude grata e fiel para com os seus maridos, a equidade para com seus filhos e a justiça em sua honestidade. Por estas razões o louvor para todas as boas mulheres é simples e semelhante, porque a sua bondade natural, preservada pela contenção adequada, não deseja a diversidade de palavras. Ao invés, deve ser suficiente para que todas elas que têm realizado os mesmos atos de boa reputação. E já que é difícil para as mulheres adquirirem um novo louvor. Porque elas experienciam menos vicissitudes, por necessidade elas devem ser honradas como um grupo, dessa maneira nada delas se perde e apenas preceitos podem contaminar o resto. Minha querida mãe merece um elogio maior do que todas as outras, pois em sua pureza, modéstia, honestidade, diligência, boa fé, fiação, diligência e fidelidade ela estava em pé de igualdade com outras mulheres virtuosas e não ficava em segundo lugar {em comparação com outras mulheres} em coragem, trabalho duro ou em sabedoria em tempos de perigo.²⁰

²⁰ Tradução feita por mim a partir da tradução do inglês de Moses Finley: *In this way it was determined that she should maintain the marriages to worthy men arranged by her parents with obedience and propriety, and as a bride to become more pleasing because of her merits, be considered more beloved because of her faithfulness, to be left more illustrious because of her good judgment, and, after death, to be unanimously praised by her fellow citizens, since the apportionment of her estate showed her grateful and faithful attitude*

MURDIAE L(UCI) F(ILIAE) MATRIS / SED PROPRIIS VIRIBUS
ADLEVENT CETERA QUO FIRMIOA / PROBABILIOAQUE
SINT / OMNES FILIOS AEQUE FECIT HEREDES PARTITIONE
FILIAE DATA AMOR / MATERNUS CARITATE LIBERUM
AEQUALITATE PARTIUM CONSTAT / VIRO CERTAM
PECUNIAM LEGAVIT UT IUS DOTIS HONORE IUDICI
AUGERETUR / MIHI REVOCATA MEMORIA PATRIS EAQUE
IN CONSILIUM ET FIDE SUA AD/HIBITA AESTUMATIONE
FACTA CERTAS RES TESTAMENTO PRAELEGAVIT / NEQUE
EA MENTE QUO ME FRATRIBUS MEIS QUOM <E=F>ORUM
ALIOA / CONTUMELIA PRAEFERRET SED MEMOR
LIBERALITATIS PATRIS MEI / REDDENDA MIHI STATUIT
QUAE IUDICIO VIRI SUI EX PATRIMONIO / MEO CEPISSET
UT EA US{S}U SUO CUSTODITA PROPRIETATI MEAE
RESTI/TUERENTUR / CONSTITIT ERGO IN HOC SIBI IPSA UT
A PARENTIBUS DIGNIS VIRIS DATA / MATRIMONIA
O<B=P>SEQUIO PROBATE RETINERET NUPTA MERITEIS
GRATIOR FIERET FIDE CARIOR HABERETUR IUDICIO
ORNATIOR RELINQUERE/TUR POST DECESSUM CONSENSU
CIVIUM LAUDARETUR QUOM DISCRIPTIO / PARTIUM
HABEAT GRATUM FIDUMQUE ANIMUM IN VIROS
AEQUALITA/TEM IN LIBEROS IUSTITIAM IN VERITATE /
QUIBUS DE CAUSEIS {Q} QUOM OMNIUM BONARUM
FEMINARUM SIMPLEX SIMI/LISQUE ESSE LAUDATIO
SOLEAT QUOD NATURALIA BONA PROPRIA CUSTO/DIA
SERVATA VARIETATES VERBORUM NON DESIDERENT
SATISQUE SIT / EADEM OMNES BONA FAMA DIGNA

toward her husbands, fairness toward her children and justice in her honesty. For these reasons, praise for aU good women is simple and similar, because their natural goodness, preserved by the proper restraint, does not desire a diversity of words. Rather, it should be enough that all of them have performed the same deeds worthy of a good reputation. And since it is difficult for women to acquire new praise, because they experience fewer vicissitudes, by necessity they ought to be honored as a group, so that nothing lost from their just precepts might defile the rest. My dearest mother deserved greater praise than all of the others, because in modesty, virtue, modesty, obedience, wool-worlung, industry and faithfulness she was on an equal level with other virtuous women, nor did she take second place to any women in bravery, hard work or wisdom in times of danger. . .

FECISSE ET QUIA ADQUIRERE / NOVAS LAUDES MULIERI
SIT ARDUOM QUOM MINORIBUS VARIETA/TIBUS VITA
IACTETUR NECESSARIO COMMUNIA ESSE COLENDAM NE
QUOD / AMISSUM EX IUSTIS PRAECEPTIS CETERA TURPET
/ EO MAIOREM LAUDEM OMNIUM CARISSIMA MIHI MATER
MERUIT QUOD / MODESTIA PROBITATE PUDICITIA
OPSEQUIO LANIFICIO DILIGENTIA FIDE / PAR SIMILISQUE
CETEREIS PROBEIS FEMINIS FUIT NEQUE ULLI CESSIT
VIR/TUTIS LABORIS SAPIENTIAE PERICULORUM
PRAECIPUAM AUT CERTE [

De acordo com Hugh

Murdia emerge dessa inscrição como uma senhora de independência considerável. Seja qual for a servidão legal que freou suas atividades, é claro que ela manteve um nível considerável de independência. O comemorador a vê como uma senhora que tem opções e que os exerce de uma forma altamente meritória. (HUGH, 2004, p. 97)

O comum adjetivo *pudicitia* usado é um conceito difícil de traduzir. Pode ser encarado como algo no âmbito de uma “virtude sexual. A mulher romana casada, e principalmente se estava envolvida no culto à deusa *Pudicitia*, deveria se esforçar para demonstrar para a sociedade o quanto detinha a tal qualidade”. Apesar de não haver na cultura romana uma palavra que expressasse nossa ideia contemporânea de moralidade, o *mores* latino incorporava uma série de códigos de comportamento em determinadas situações e *pudicitia* não é o único conceito ético relacionado ao comportamento. São usados também *castitas*, *sanctitas*, *abstinentia*, *continentia*, *verecundia*, *modestia*, por exemplo. O termo *pudicitia*, porém, se diferencia dos demais por possuir um significado mais específico quanto ao comportamento sexual. As outras nomenclaturas podem também designar comportamentos voltados à religiosidade e pureza como um todo, como a observação do excesso de consumo de bebidas e comidas e acumulação de riqueza, considerados como sinal de degradação moral. Em obras filosóficas romanas, este conceito aparece ao lado de conceitos como justiça, paz, liberdade e dignidade. Incorporada como uma qualidade para “homens e mulheres”, a análise do conceito de *pudicitia* é um dos poucos nos quais podemos comparar o que era esperado eticamente das mulheres e qual seu envolvimento e desenvolvimento na esfera moral romana

Sendo também comuns os outros adjetivos usados pelo filho de Murdia para descrevê-la, o autor se justifica: o louvor das boas mulheres é simples e semelhante, pois diferentemente dos homens, elas não possuem durante suas vidas um caráter individualizante. Sendo assim, não há problema em retratá-las como um grupo homogêneo. Pelo contrário, tal prática as beneficiaria, pois resguardaria suas qualidades e ocultaria quaisquer máculas cometidas por mulheres não tão honrosas. Ainda assim ele parece considerar a existência de uma esfera na qual os valores e ações dessas boas mulheres são importantes e por isso merecem ser retratados nesse monumento público. Segundo Milnor, neste epitáfio a domesticidade feminina é tratada como “natural, preconcebida, universal e trans histórica, mas também algo que exige um contínuo policiamento discursivo (MILNOR, 2006, p. 32).”

É curioso o fato de que as mesmas qualidades sejam recorrentes tanto em epitáfios de mulheres libertas quanto nos de mulheres da casa imperial. O apelo insistente ao lido com a lã pode ser visto como indício de que essa tarefa é muito mais simbólica do que realmente útil, como no caso de Claudia (MILNOR, 2006, p. 37). É ressaltado por Knaap que tal ideal de fazedora de lã é comumente apreciado em sociedades pré-industriais em geral (KNAAP, 2011, p. 40).

Apesar da colocação de Finley de que

Nada disso implica, necessariamente, que as mulheres não aceitaram passivamente a sua posição, pelo menos na superfície. Seria um grande erro ler as nossas próprias noções e valores para o cenário, ou mesmo aqueles de um ou dois séculos atrás (FINLEY, 2002, p. 154)

a uniformidade desses elogios não podem nos levar a crer que uma parcela tão grande de mulheres fossem ou se acreditassem de tal forma. Essa pouca representatividade contraria a variedade histórica que sabemos ter sido presente na antiga Roma. Ainda que ocupando os papéis que eram esperados e moldados para elas, as contribuições femininas para a cultura e a sociedade romana são inegáveis:

A franqueza das mulheres, a alavancagem que elas tinham de várias maneiras em suas vidas com maridos, suas contribuições econômicas, o seu papel na socialização da próxima geração: enquanto todas essas coisas existiam dentro da cultura de dominação masculina, a latitude de ação e influência foi ótima. Seria demais falar em "liberação"; a cultura Romano-grega não foi libertária em qualquer padrão moderno. Mas, como em outras sociedades pré-industriais, mulheres comuns carregaram um monte de peso, tiveram muita influência, foram parceiras fortes com seus maridos ou outros homens ao fazer escolhas de vida (KNAAP, 2011, p. 62)

Em vários lugares é comum que as mulheres de estratos sociais mais baixos sejam mais “livres” do que as de classe mais alta. Não apenas juridicamente ao não serem

pressionadas por leis de propriedades maritais, mas também numa espera de imaginário social, no quão não se encontravam tão atreladas a ideais de moralidade (FINLEY, 2002, p. 153). Segundo Knaap, “no mundo dos ‘comuns’, as mulheres protegidas não existiam. Era preciso todas as mãos para manter a casa funcionando bem e o lobo fora da porta” (KNAAP, 2001, p. 62).

De acordo com Finley, divórcio e um segundo casamento, como aconteceu com Murdia, eram casos complicados que exigiam uma série de regras. (FINLEY, 2002, p. 149). Quando envolvia crianças, era extremamente importante pontuar a partilhar justa da herança, pois estas crianças eram os futuros cidadãos romanos e o Estado se preocupava com seu status legal e seus direitos políticos. Para tanto, eram adotadas medidas como a proibição do casamento entre um cidadão romano e um não cidadão, independentemente do da riqueza e da posição social deste. Também era proibido o matrimônio entre alguém da classe senatorial e alguém que houvesse emergido socialmente como liberto. Á partir dos 12 anos de idade, o *paterfamilias* podia decidir com sua filha iria se casar (FINLEY, 2002, p. 150)

Eram comuns acordos de herança serem modificados em detrimento dos filhos do primeiro casamento, embora isso não pareça ter acontecido com o filho de Murdia. Em 392 EC com os imperadores cristãos, se tornou regra que uma mulher com filhos que herdara usufruto vitalício do marido deveriam ceder a propriedade para seus filhos caso se casasse novamente (DIXON, 1988, p. 50). Não era incomum que homens adotassem enteados, mas no geral as crianças eram relegadas quando a mãe se casava novamente: a criança pertencia ao grupo familiar do marido, o que significa que ao se casar novamente a mulher viveria com seu novo esposo e provavelmente deixaria de participar diariamente das despesas e da educação dos filhos. Muitas mulheres viúvas influentes que aparecem em biografias podem ter obtido autoridade através de uma vantagem financeira ao acumular espólio do marido falecido, mas, na prática, a lei cada vez mais reforçou a posse dos filhos (DIXON 1988, p. 50).

Na Roma antiga o marido não tinha obrigação legal de deixar herança para a esposa e este ato era muitas vezes visto como uma grande prova de confiança. No testamento de Murdia, sua filha recebeu a mesma quantidade que seus irmãos por parte de pai e mãe, mas eles foram nomeados herdeiros, o que significava que eles teriam a tarefa de dividir a propriedade, pagando para funeral e liquidando as dívidas da mãe. Há outra complicação no testamento de Murdia: toda pessoa sob *potestas* de um *paterfamilias* deveria ter a permissão deste para deixar suas vontades em um testamento. Para mulheres como Murdia, que

possuíam três filhos (*ius trium liberorum*), a Lei Julia de 18 AC e a Lei Papia Poppaea de 9 EC previam uma exceção (HUGH, 2004, p. 94).

Apesar da querela sobre bens, Hugh acredita ser improvável que a família de Murdia fosse de uma classe alta já que a gens de seu nome não é típica desse estrato e sugere que um cenário esquestre é mais provável (HUGH, 2004, p. 92)

3.6 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: IULIA E PRIMA FLORENTIA

Apesar de abuso doméstico não ter sido grandemente reportado nas fontes da Roma antiga, existem evidências de sua existência, tanto em obras literárias como no caso da Fortunata de Petrônio, até vestígios em documentos judiciais, como no caso de Regilla. Sarah Pomeroy, em seu livro *The murder of Regilla: a case of domestic violence in antiquity*, conta a história de Regilla, uma mulher de linhagem imperial e riqueza que em 139 EC casou-se com o filósofo e senador romano Heródes Atticus. Após partir para a Grécia em 160 EC, Regilla faleceu após sofrer um aborto, supostamente causado por uma agressão de Alcimedon, um liberto de seu marido. Apesar do irmão da falecida ter acusado Heródes Atticus, ele foi considerado inocente pelo imperador Marco Aurélio e manteve Alcimedon em seu emprego. Por outro lado, familiares de mulheres de baixa renda podiam encontrar dificuldades ainda maiores ao buscar justiça: não havia uma força policial pública como conhecemos hoje, nem prisão de suspeitos até que o caso fosse solucionado. Os membros da família eram responsáveis por pagar um advogado, juntar provas e até mesmo buscar vingança.

Alguns poucos epitáfios também registraram casos de casamentos que terminaram de maneira violenta para as esposas.

IULIA MAIANA

CIL XIII. 2182

Para o espírito dos mortos e pelo descanso eterno de Iulia Maiana, a mais santa mulher, morta pela mão do marido mais cruel, com quem ela viveu 28 anos antes da morte se tornar seu destino e com quem foram gerados dois filhos, um menino de 19 anos e uma filha de 18 anos. Oh, honra, oh, dever! Seu irmão, Julius Maior montou este

[monumento] para sua mais doce irmã, assim como Ingenuinius Ianuarius, seu filho e o dedicou ainda sob o martelo.²¹

D M
ET QUIETI AETERNAE IULIAE MAIANAE FEMI
NAE SANCTISSIMAE MANU MARITI CRUDELLISIM INTER
FECT QUAE ANTE OBIT QUAM FATM DEDIT CUM QUO VIX
ANN XXVIII EX QUO LIBER PROCREAV DUOS PUERM
ANN XVIII PUELLAM ANNOR XVIII FIDES O PIETAS IUL
MAIOR FRATER SORORI DULCISS ET I(ng)ENUINIUS
IANUARIUS FIL EIUS P (c et s)UB A D

A inscrição data de 326 EC e Iulia era mãe de um casal de filhos já adultos. Seu casamento era de longa data, mas é possível que ela fosse ainda uma mulher relativamente jovem, já que não é mencionada a idade em que contraiu matrimônio nem a idade com a qual foi assassinada. Também não é possível saber se Iulia sofreu violência durante todo o período em que esteve casada ou se tratou de um caso isolado e fatal. Segundo Judith Sebesta, há duas possibilidades para explicar o porquê de o nome do marido assassino não estar presente na inscrição: talvez seus atos de violência fossem conhecidos por todos do círculo social da família (o que reforçaria a ideia de que as agressões foram recorrentes durante a relação), não sendo necessário explicitar. Ou talvez seus irmãos e seu filho tenham tido a intenção de condenar o ex-marido ao esquecimento, recusando-se a registrar seu nome como um ato de *damnatio memoriae* (SEBESTA, 2016). A dedicatória D M foi comum nos três primeiros séculos do Império e os símbolos que separam as letras (pode ser visto no ANEXO II, p.) são um tipo de martelo de pedreiro encontrados apenas nas inscrições romanas da Gália Lugdunense, atual Lyon, onde a peça foi encontrada.

PRIMA FLORENTIA

AE 1987.0177k

²¹ Tradução feita por mim a partir da tradução para o inglês de Maureen Carroll: *To the spirits of the dead and the eternal rest of Iulia Maiana, most sainted woman, killed by the hand of the cruellest husband with whom she lived twenty-eight years before death became her fate, and with whom two children were begotten, a boy aged nineteen and a daughter aged eighteen. Oh honour, oh duty! Her brother, Iulius Maior, set this up to his sweetest sister, as did Ingenuinius Ianuarius, her son, and dedicated it while still under the hammer.*

Restituto Picenensis e Prima Restituta encomendaram esta lápide para Prima Florentia, sua amada e querida filha, jogada no rio Tibre por seu marido Orfeu. Seu parente chamado Dezembro ergueu este monumento para ela, que viveu 16 anos.²²

RESTUTUS PISCINE(N)SIS / ET PRIMA RESTUTA PRIMAE /
FLORENTIAE FILIAE CARISSIMAE / FECERUNT QUI(!) AB
ORFEU MARIT<O=V> IN / TIBERI DECEPTA EST DECEMBER
CO<G=C>NATU//S // POSUIT Q(UAE) VIX(IT) ANN(OS) XVI

O caso de Florentia é bem diferente do de Iulia. Julgando por sua pouca idade, seu casamento era bastante recente. Seus pais optaram por colocar na inscrição o nome do marido e assassino, De acordo com Carroll, provavelmente como uma forma de e humilhação pública, desejando que todos tomassem conhecimento do crime e de seu culpado (CARROLL, 2006, p.154). Segundo Sebesta, já que nenhuma punição legal é mencionada, talvez os pais de Florentia tenham perdido o processo contra o marido ou não tenham tido condições financeiras de fazê-lo. Embora não seja possível precisar o status social de Florentia e sua família, é muito possível que pertencessem a uma classe baixa, pois seus nomes não fazem parte dos padrões de nomeação da alta classe romana. Apesar disso, sob essa questão permanece uma grande dúvida, pois os pais e Florentia são chamados por dois nomes cada (comum em classes mais altas) e seu marido Orfeu e seu parente Dezembro apenas por seu cognome (SEBESTA, 2016).

²² Tradução feita por mim do original em latim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, foi possível perceber que as inscrições epigráficas contidas nos epitáfios podem ser fontes extremamente úteis na decodificação da imagem das mulheres na Antiguidade. Uma vez que as fontes literárias, além de fortemente marcadas pelos valores patriarcais de seus autores, representam apenas uma pequena parcela das mulheres, as de classes mais elevadas.

Com a análise epigráfica de epitáfios, podemos obter vestígios da existência dessas diversas outras realidades femininas geralmente negligenciadas na História canônica, tais como: as de ex-escravas que se casaram com seus ex-patrões, uma delas talvez ainda quando criança; as de mulheres que trabalharam em casa e das pequenas comerciantes; as das que possuíram propriedades e tomaram decisões sobre elas. Até mesmo, as de mulheres que vivenciaram casamentos violentos, que acabaram culminando em suas mortes.

Tendo sido duradoura a tradição da escrita -não só na cultura romana como também nas várias de suas colônias- e tendo os romanos antigos tido uma aproximação muito grande com a morte e o luto, a preocupação com a preservação da sua memória e de seus feitos era central na sua sociedade.

A Retórica oferecia ferramentas discursivas que auxiliavam na persuasão do discurso, sendo importante o conceito *ethos*, que trata justamente da imagem que o autor do discurso deseja projetar sobre si mesmo e/ou sobre as pessoas amadas as quais o discurso se refere. A maneira de pensar tais representações que seriam deixadas para as gerações futuras nos permite determinar qual era o *ethos* que se desejava mostrar especialmente nas mulheres, e principalmente, nas esposas.

As expectativas masculinas são refletidas no uso repetitivo de adjetivos tais como: “casta”, “modesta”, “cumpridora dos deveres”, “pura”, “justa”. Já as qualidades exaltadas pelos autores dos epitáfios são: “amou o marido”, “cuidou da casa”, “nunca brigou”, “dedicou-se a produzir lã”. Todas essas informações são altamente generalizantes e representantes de um lugar-comum na sociedade. Suas presenças massivas nas inscrições funerárias indicam que este *ethos* chegou a transcender as barreiras de classes sociais.

A diversidade de vivência social na Roma antiga era grande, porém a maior parte dos epitáfios femininos não oferece imagens claras sobre estas mulheres. Para se pensar a “realidade” feminina e seguir as pistas deixadas pelas inscrições é necessário analisar o contexto e o pensamento da sociedade da época para além das vozes enviesadas –geralmente

masculinas– contidas nas fontes, é claro levando sempre em consideração as limitações que podem ser causadas por nossos próprios vieses. Para ajudar a compreender as relações entre gêneros em nossa cultura ocidental e para estabelecer um maior equilíbrio na História que é contada, é importante recuperar os rastros da ação feminina na Antiguidade.

ANEXO 1



Epitáfio de Aurelia Philematium

Laje de pedra, 80 aec aproximadamente.

Roma, Via Nomentana.

Altura: 58,42 centímetros

Largura: 104,14 centímetros

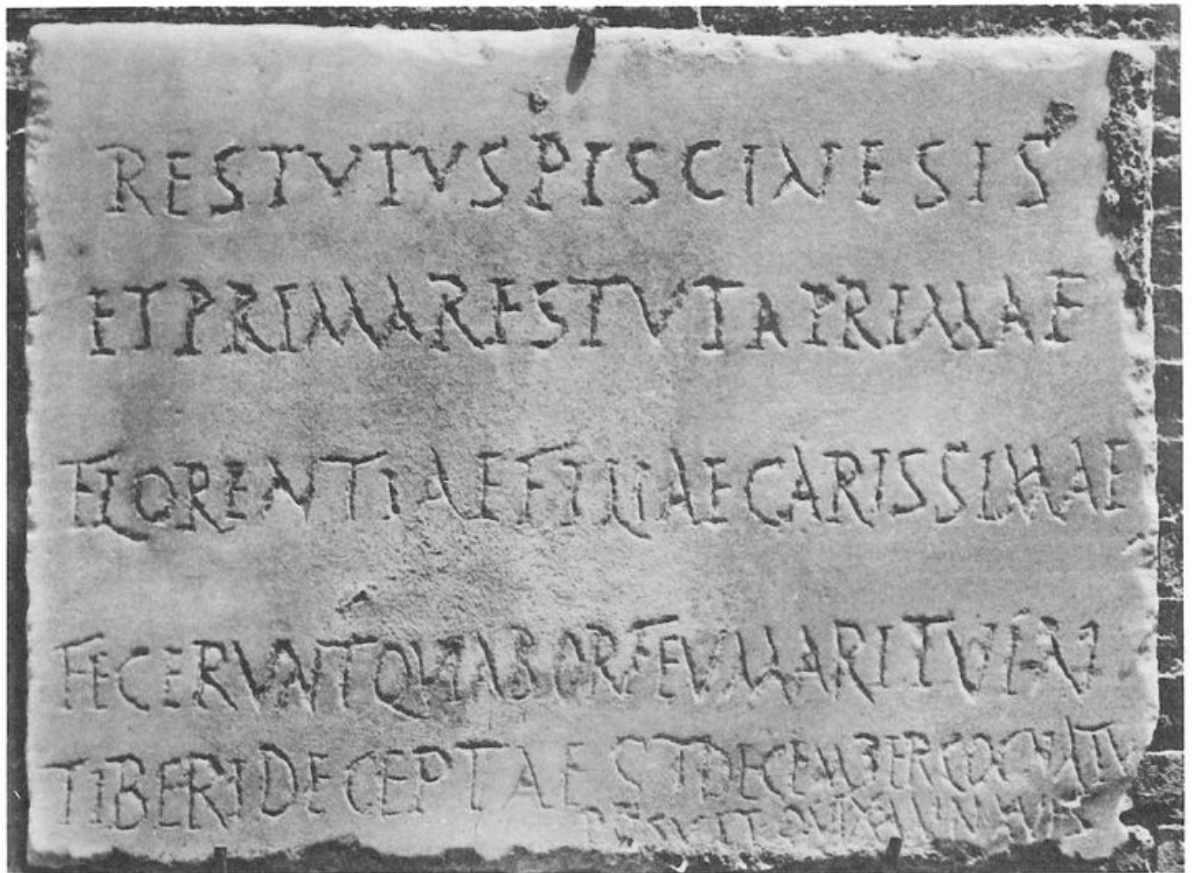
Atualmente no Departamento de Antiguidades Gregas e Romanas do *British Museum*.

ANEXO II



Altar com epitáfio de Iulia Maiana, 326 EC, Lyon, França.

ANEXO III



Epitáfio de Prima Florentia, 2º século EC, encontrado em Portus, na Itália.

BIBLIOGRAFIA

- AMOSSY, Ruth. **Da noção retórica de ethos à análise do discurso**. Imagens de si no discurso: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto (2005): 9-28
- BRUUN, Christer, & EDMONDSON Jonathan, eds. **The Oxford Handbook of Roman Epigraphy**. Oxford University Press, 2014.
- BUTLER, Judith. **Gender trouble**. Routledge, 2002.
- CALDELLI, Letizia Maria. **Women in Roman World**. In.: BRUUN, Christer, & EDMONDSON Jonathan, eds. **The Oxford Handbook of Roman Epigraphy**. Oxford University Press, 2014.
- CARROLL, Maureen. **Spirits of the dead: Roman funerary commemoration in Western Europe**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- COOLEY, Alison E. **The Cambridge manual of Latin epigraphy**. Cambridge University Press, 2012.
- D'AMBRA, Eve. **Roman women**. Cambridge University Press, 2007.
- DIXON, Suzanne. **The Roman Mother (Routledge Revivals)**. Routledge, 2013.
- DZIUBA, Agnieszka & MILNOR, Kristina. **Gender, domesticity, and the age of Augustus: inventing private life**, Kristina Milnor, Oxford 2008:[recenzja]." *Roczniki Humanistyczne* 57, no. 3 (2009): 147-151.
- ERKER, Darja Sterbenc. **Gender and Roman Funeral Ritual**. In.: Memory and Mourning: Studies on Roman Death, pp. 40-60. Ed. Valerie M. Hope and Janet Huskinson. Oxford/Oakville, CT: Oxbow Books
- FEITOSA, Lourdes Conde. **Gênero e sexualidade no mundo romano: a Antigüidade em nossos dias**. *História Questões & Debates* 48 (2008).
- FINLEY, Moses. **The Silent Women of Rome**. In.: MCCLURE, Laura K., ed. Sexuality and gender in the classical world: readings and sources. John Wiley & Sons, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, 2: o uso dos prazeres**. Graal, 2007.
- FOXHALL, Lin & SALMON John, eds. **When men were men: masculinity, power and identity in classical antiquity**. Routledge, 2013.
- FUNARI, Pedro Paulo A. Romanas por elas mesmas. **Cadernos Pagu vol. 5** (2009): 179-200.
- GOLD, Barbara K. **"But Ariadne was never there in the first place"**. In.: RICHLIN, Amy, & RABINOWITZ, Nancy Sorkin, eds. Feminist Theory and the Classics. Routledge, 1993.

- HALLETT, Judith P. **Feminist theory, historical periods, literary canons, and the study of Greco-Roman antiquity** .In.: RICHLIN, Amy, & RABINOWITZ, Nancy Sorkin, eds. *Feminist Theory and the Classics*. Routledge, 1993.
- _____, Judith P. **Women in the Ancient Roman World**. In.: *Women's Roles in Ancient Civilizations: A Reference Guide*, ed. Bella Vivante. Westport, CT: Greenwood Press, 1999
- HALPERIN, David & WINKLER, John J , & ZEITLIN, Froma. **"Before sexuality." The Construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World**. Princeton (New Jersey), 1990.
- HITCHCOCK, Louise. **Theory for classics: a student's guide**. Routledge, 2008.
- HOPE, Valerie M.; HUSKINSON, Janet. **Memory and mourning: studies on Roman death**. Oxbow Books, 2011.
- _____, Valerie. **Death in ancient Rome: a sourcebook**. Routledge, 2007.
- HUGH, Lindsay. **The "Laudatio Murdiae": Its content and significance**. *Societe d'etudes latines de Bruxelles*, [S.L.], v. 63, n. 1, p. 88-97, mar. 2004.
- HUSKINSON, Janet. **Bad deaths, better memories**. In.: HOPE, Valerie M.; HUSKINSON, Janet. **Memory and mourning: studies on Roman death**. Oxbow Books, 2011.
- JARRATT, S. C., & REYNOLDS, N. **The splitting image: Contemporary feminisms and the ethics of ethos**. *Ethos: New essays in rhetorical and critical theory*, 37-63., 1994
- JEPPESEN-WIGELSWORTH, Alison D. **The Portrayal of Roman Wives in Literature and Inscriptions**. 2010. Tese de Doutorado. University of Calgary.
- J. D'ENCARNAÇÃO, **Introdução ao estudo da epigrafia latina**. Coimbra: Institutos de Arqueologia e de Historia da Arte, Faculdade de Letras, 1987.
- KAMPEN, Natalie. **Social status and gender in Roman art: the case of the saleswoman**. In.: GARRARD & BROUDE Mary, Norma. "Feminism and art history: Questioning the litany", 1982.
- KNAPP, Robert. **Invisible Romans**. Harvard University Press, 2011.
- KENNEDY, George. **La Retórica Clásica y su tradición Cristiana y secular, desde la Antigüedad hasta nuestros días**. Rioja, Instituto de Estudios Riojianos, 2003.
- KONSTAN, David & NUSSBAUM, Martha. **Sexuality in Greek & Roman Society**. Indiana University, 1990
- LANGLANDS, Rebecca. **Sexual morality in ancient Rome**. Cambridge University Press, 2006.
- LIPKA, Michael. **Roman gods: a conceptual approach**. Vol. 167. Brill, 2009.

- MAINGUENEAU, Dominique. **A propósito do ethos**. Ethos discursivo. São Paulo: Contexto. p 11-29. , 2008.
- MCCLURE, Laura K., ed. **Sexuality and gender in the classical world: readings and sources**. John Wiley & Sons, 2008.
- MEYER, Elizabeth A. **Explaining the epigraphic habit in the Roman Empire: the evidence of epitaphs**. *Journal of Roman Studies* 80, 1990. p 74-96.
- OLIVER, Graham John. **The epigraphy of death: studies in the history and society of Greece and Rome**. Liverpool University Press, 2000.
- PARKIN, Tim & POMEROY, Arthur. **Roman social history: a sourcebook**. Routledge, 2007.
- PERELMAN, Chaïm & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Martins Fontes, 2005.
- POMEROY, Sarah B. **The murder of Regilla: a case of domestic violence in antiquity**. Harvard University Press, 2009.
- _____, Sarah B. **Goddesses, whores, wives, and slaves: Women in classical antiquity**. Schocken, 2011.
- REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Martins Fontes, 1998.
- RICHLIN, Amy. **The ethnographer's dilemma and the dream of a lost golden age**. In.: _____, Amy, & RABINOWITZ, Nancy Sorkin, eds. *Feminist Theory and the Classics*. Routledge, 1993.
- _____, Amy, & RABINOWITZ, Nancy Sorkin, eds. **Feminist Theory and the Classics**. Routledge, 1993.
- _____, Amy. **Arguments with silence: Writing the history of Roman women**. University of Michigan Press, 2014.
- SCHMERTZ, Johanna. **Constructing essences: Ethos and the postmodern subject of feminism**. *Rhetoric Review* 18.1 (1999): 82-91.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para os estudos históricos**. *Educação e Realidade* 16, no. 2 (1990): 5-22.
- SILVA, Glaydson José da. **Representações femininas e relações de gênero na ars Amatoria. Amor, desejo e poder na Antigüidade: Relações de gênero e representações do feminino**, 2011
- SKINNER, Marilyn B. **Classical studies, patriarchy and feminism: The view from 1986**. *Women's Studies International Forum*. Vol. 10. No. 2. Pergamon, 1987.

_____, Marilyn B. & HALLETT, Judith P., eds. **Roman Sexualities**. Princeton University Press, 1997.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Editora UFMG, 2010.

TREGGIARI, Susan. **Roman Marriage: Iusti coniuges from the Time of Cicero to the time of Ulpian**. Oxford University Press, 1993.

VEYNE, Paul & CASTRO, Marcos. **Sexo e poder em Roma**. Editora Record, 2010.

WARMINGTON, Eric Herbert, ed. **Remains of old latin**. Vol. 4. Loeb Classical Library, 1967.

WYKE, Maria. **The Roman Mistress Ancient and Modern Representations**, 2002

SITES

EPIGRAPHIK-DATENBANK CLAUSS / SLABY EDCS . Search. Disponível em: <http://db.edcs.eu/epigr/epikl_en.php>. Acesso em: 11 jun. 2016.

SEBESTA, Judith L. In.: ONLINE COMPANION TO THE WORLDS OF ROMAN WOMEN. Wife abuse. Disponível em: <<http://www2.cnr.edu/home/sas/araia/companion.html>>. Acesso em: 11 jun. 2016.